

## **ESTUDO SOBRE O ASPECTO VERBAL NO PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO**

*Marcela Cockell* (UERJ)  
[marcelacockell@hotmail.com](mailto:marcelacockell@hotmail.com)

### ***1. Delimitações do conceito de aspecto***

O aspecto é uma categoria linguística com poucos estudiosos. Contudo, algumas investigações sobre o tema permitiram uma delimitação de seus conceitos e uma análise aprofundada, como o trabalho pioneiro de Castilho (1968) que o definiu: "O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo." (*Idem*, p. 14)

Podemos dizer que a obra de Castilho (1968) foi ponto inicial para as delimitações do conceito de aspecto ao analisar e caracterizar a importância da questão semântica relacionada ao aspecto; as diferenciações entre tempo e aspecto; as diferenciações entre aspecto e modo de ação e, por fim, a divisão de quatro aspectos principais: imperfeito, perfeito, iterativo e indeterminado que correspondem respectivamente à duração, complemento, repetição e neutralidade (CASTILHO, 1968, p. 49). Para uma melhor compreensão destes termos, o imperfeito indica a duração, é semanticamente marcado e expressa uma temporalidade interna, como um fragmento de tempo quês e desenrola; o perfeito indica uma ação decursa, ou seja, a ação já determinada ou marcada de alguma forma em sua temporalidade, não é marcada semanticamente; iterativo é intermediário dos dois aspectos anteriores, indica a frequência, portanto a repetição do ato e indeterminado ou "aspecto zero" (CASTILHO, 1968, p. 102) que indica uma ideia imprecisa e vaga do ato, ou seja, é onitemporal.

Com uma importante lacuna já preenchida sobre o aspecto, o estudo de Castilho tornou-se referência para estudos posteriores sobre o tema. Dentre estes, destaco o trabalho de Travaglia (2006) como um relevante norteador, analisando a sua estrutura e expressividade.

Para Travaglia (2006, p. 2) existem algumas dificuldades em relação ao estudo do aspecto, uma delas é limitar o seu campo de trabalho, pois se trata de uma categoria “localizada” no verbo porém com influência de diversos elementos presentes na frase. Outra dificuldade está em sua relação com o contexto não só linguístico, mas extralinguístico. Desse modo, a mesma frase pode ter uma variedade de valores aspectuais, dependendo da situação de seu uso ou do contexto linguístico em que está inserida. É preciso se colocar na posição do falante, e pensar em sua realidade:

A categoria do *tempo* localiza o processo num dado momento; servindo-se de pontos de referência em número de três: o próprio falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro. (CASTILHO, 1968, p. 15)

Sua investigação promove uma atualização do tema: registra os meios de expressão do aspecto, sua relação com as categorias verbais de tempo, modo e voz e verifica a sua influência sobre os nomes e sobre a estruturação da frase. O autor define aspecto:

Aspecto é uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 2006, p. 38).

De forma sintética o autor levanta pontos importantes sobre o conceito de aspecto como uma “maneira de ser da ação” (1980, p. 34), e indica a duração do processo de sua estrutura temporal interna indicando os graus de desenvolvimento de realização do processo e o modo de concebê-lo. Logo, Travaglia destaca que o aspecto envolve o tempo, como um marcador oposições entre término/ não término, início, resultado, dentre outros.

Certamente, trata-se de um estudo completo que ultrapassa as considerações abordadas neste trabalho.

Para prosseguirmos com as delimitações que cerceiam a categoria de aspecto, é fundamental compreender com clareza as diferenças entre tempo e aspecto. Primeiramente é necessário esclarecer os conceitos de aspecto e modo da ação. Segundo Coroa (2005, p. 62) o conceito de aspecto apareceu pela primeira vez como tradução do russo “vid” na gramática grega de N. I. Grec quando traduzida

para o francês por Ch. Ph. Reiff, neste momento os estudos sobre aspecto deixaram o quadro eslavo e começaram a adquirir realidades léxicas e realidades morfológicas (flexões e perifrases). Para caracterizar estas duas vertentes de noção de aspecto começou-se a falar em aspecto (*Aspekt*) e modo da ação (*Astionsart*):

O modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade<sup>3</sup> que caracteriza o aspecto. Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado aprender através de análises diversas. (CASTILHO, 1968, p. 402).

Dentro desta perspectiva, podemos dizer que, em linhas gerais, o aspecto é a compreensão *stricto sensu*, pois se reporta ao falante no desenvolvimento da ação, portanto, àquela realidade de ação, logo é subjetivo. Enquanto que o modo de ação refere-se à natureza da ação, ao seu conteúdo semântico e por isso é objetivo. Para que o aspecto e o modo de ação não se confundam, é necessário entender que o modo da ação engloba o aspecto indicando a duração e completamento da ação, no entanto o primeiro se relaciona ao falante ao figurar espacialmente o processo verbal dentro dos recursos oferecidos pela língua sejam eles léxicos, morfológicos ou sintáticos.

Quanto às diferenciações entre os conceitos de aspecto e tempo, categorias que representam o tempo e, por isso, próximas, e conforme já observado por Castilho (1968, p. 15) localizam determinado processo referente a um falante que o desenrola em outro processo o desloca a um momento idealizado, em um espaço em que a ação foi ou será realizada. Segundo Lyons (1977), o fato do aspecto não ser tão difundido quanto o tempo na gramática tradicional é um acidente histórico, pois a marcação gramatical de aspecto é muito mais significativa nas línguas humanas em comparação à marcação gramatical de tempo. A gramática greco-latina recebeu como herança a determinação de tempo distorcida entre o significado de tempo dêitico e não dêitico. A gramática do português calcada no paradigma verbal grego acabou por adotar esta terminologia.

---

<sup>3</sup> Refere-se às noções de imperfectivo e perfectivo.

Segundo Travaglia (2006, p. 36) a confusão em torno das categorias de tempo e aspecto se deve ao fato de ambas estão relacionadas ao tempo, no entanto, a primeira situa o momento de ocorrência da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a este momento, ou seja, é dêitica. Já a segunda não é uma categoria dêitica, pois se refere à constituição temporal interna da situação.

Para Costa (2002, p. 20) enquanto a categoria de tempo situa o fato em uma linha de tempo, a categoria de aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo existentes dentro de seus limites:

Aspecto e tempo são ambas categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico. Distinguem-se, contudo, do ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o Aspecto) diferente do tempo externo (o Tempo).

As noções semânticas relacionadas à categoria de tempo são, em termos gerais, de localização no momento da enunciação delimitando as noções de passado, presente e futuro e suas subdivisões. Já em relação ao aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Nos enunciados:

- (1) Chorei muito.
- (2) Estive chorando por muito tempo.

Em (1) o falante quer expressar que a ação (chorar) ocorreu antes do momento em que está situado temporalmente. Neste caso, há marcas da categoria de tempo, com traços dêíticos e a indicação de passado. No enunciado (2) o falante não faz só uma referência ao tempo, mas também ao tempo em que a ação de chorar ocorreu em relação ao momento de sua fala (no passado, em referência à categoria de tempo), que indica a duração de sua ação, tornando-o visualizável: é como se o falante nos mostrasse o tempo interno ao fato.

Outro exemplo que pode nos ajudar a distinguir estas categorias é a análise da temporalidade nas formas nominais de gerúndio e participípio. Sabe-se que as duas expressam o tempo físico de alguma maneira, no entanto, a primeira reflete a ideia de cursividade, enquanto a segunda expressa um estado, ou de certa forma uma permanência no tempo, mas não são dêíticas. Para a sua especificação tem-

poral é necessário o uso de perífrases com outro verbo que carregará o seu morfema flexional e assim, sua marca temporal.

Cabe ainda ressaltar, alguns traços importantes na caracterização do aspecto e assim contribuir para a sua delimitação. São eles: a constituição temporal interna, a vinculação de situações, processos e espaços e a representação espacial. A primeira refere-se à fração de tempo compreendida no momento em que o ato ocorre, ou seja, em seus limites próprios dentro do contexto, independentes do tempo externo. O segundo item refere-se aos acontecimentos que desenvolvem a duração da ação verbal, em linhas gerais, como determinadas situações, processos e espaços atuam dentro de um ato e expressam a sua durabilidade. E por fim, a “representação espacial” (CASTILHO, 1968) que permite a visualização do processo ou estado como uma fração de tempo que dura e ocupa uma parte da linha de tempo (tempo externo).

Nas formas verbais o aspecto pode ser representando nos lexemas, nos morfemas derivacionais (afixos), nos tempos verbais e em perífrases. Nos lexemas a marca aspectual pode ocorrer em outras classes de palavras além do verbo, como substantivos, adjetivos, alguns advérbios e algumas conjunções. Alguns exemplos de verbos cujos lexemas chamam a atenção para o seu tempo interno são: crescer, desenvolver, refletir.

Nos morfemas derivacionais a expressão aspectual fica restrita aos sufixos, como por exemplo: *-ear*, *-ecer*, *-ejar*, *-icar*, *-itar*. Os prefixos, em geral, não são marcadores de aspecto tanto nas gramáticas normativas quanto nos estudos da categoria considerados neste trabalho<sup>4</sup>. principalmente em Castilho (1968) e Travaglia<sup>5</sup> (2006).

Nos tempos verbais consideramos as formas que carregam a marca da imperfectividade (relativo à duração) são elas o gerúndio, o particípio, o pretérito perfeito composto e o pretérito imperfeito (do indicativo e do subjuntivo), no âmbito deste trabalho daremos ênfase

---

<sup>4</sup> O prefixo *re-*, indica repetição ou iteratividade (reler, recompor) traço não pertinente a categoria de aspecto em Castilho (1968) e Travaglia (1980).

<sup>5</sup> Referente à publicação da Dissertação de Mestrado homônima em 1980 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ao Pretérito Perfeito Composto. Como se sabe, o gerúndio e o particípio não expressam a categoria de tempo, pois não informam sobre o momento do enunciado em relação ao momento da enunciação. Segundo Costa (2002, p. 44), é através dessas formas verbais que a língua portuguesa expressa mais amplamente o aspecto.

Quanto ao pretérito perfeito composto, lembramos que sua denominação refere-se à fase do português antigo na qual a forma com essa denominação caracterizava um passado em relação ao momento da fala, desse modo o particípio aparecia concordando com o complemento direto. Segundo Bomfim (2002 p. 10), a concordância seria um dos fatores diferenciadores na construção dos tempos compostos. Sobre o pretérito perfeito composto vale ressaltar:

É oportuno, ao tratar de Tempo verbal em face da categoria de Aspecto, lembrar que não existe, como alguns autores sugerem, nenhuma vinculação obrigatória entre os Tempos simples e a categoria de Tempo e os Tempos compostos e a categoria de Aspecto. O Pretérito Perfeito Composto é o único Tempo composto do português que pode em certas circunstâncias, portar traço de imperfectividade (...) os verbos do português, em qualquer Tempo, simples ou composto, podem ser conjugados com marca aspectual através de perífrases apropriadas. (COSTA, 2002, p. 45).

Em seu estudo, Costa (2002, p. 46) destaca algumas considerações apresentadas por Ilari (2008) relacionadas às características semânticas do Pretérito Perfeito Composto ou simplesmente “Passado Composto”: exprime reiteração ou repetição<sup>6</sup> (independente da presença de um advérbio indicando freqüência), assume valor de continuidade, a repetição ou continuidade faz referência a um ato que começa no passado, alcança o momento da fala e eventualmente o ultrapassa e, por fim, a distinção entre o valor durativo e reiterativo está ligada às características aspectuais do lexema verbal, à utilização de circunstanciais temporais<sup>7</sup> e até ao complemento verbal. Desse modo, para consideramos a aplicação na categoria de aspecto devemos analisar se o enunciado refere-se a um estado ou processo cuja duração ou permanência é observada, ou se o enunciado refere-se a fatos verbais idênticos (iteração), que se sequeciam no tempo e,

---

<sup>6</sup> Podemos ainda adotar o termo de Castilho (1968): iteração.

<sup>7</sup> elementos rotulados de advérbios, locuções adverbiais, conjunções que possibilitam expressar um tempo físico .

portanto não possui um tempo interno. Para considerarmos a imperfectividade, ou sua aplicação na categoria de aspecto devemos analisar se o valor semântico do pretérito perfeito composto é de continuidade ou durativo.

O aspecto verbal em perífrases manifesta-se mais claramente no gerúndio e participípio, nas perífrases com gerúndio temos a expressão de aspecto imperfectivo em curso (processo) e voz ativa, quanto às perífrases com participípio temos a expressão de aspecto imperfectivo resultativo (estado resultante) e voz passiva (COSTA, 2002, p. 51). Os auxiliares aspectuais são os verbos que mais contribuem para a formação de perífrases aspectuais. Como exemplo temos o verbo estar, formador de grande número de perífrases e o verbo ter, formador dos tempos compostos. Alguns outros exemplos de verbos como ser, ficar, andar, permanecer e continuar são considerados “estativos” (*Idem*, 2002, p. 57) e dependem do seu valor semântico para atuar como auxiliares aspectuais.

## **2. A oposição aspectual e temporal do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto**

A partir das breves reflexões realizadas acerca do aspecto, seguiremos este estudo buscando refletir sobre o passado acabado e inacabado representados, respectivamente, pelo pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto. Para isto, será necessário recorrer a uma análise contrastiva dos domínios destes tempos gramaticais levando em consideração a existência de uma oposição aspectual e temporal. A princípio já podemos afirmar que é na relação sintático-semântica destas duas categorias que se constroem a significação.

Como referência a esta investigação, consideramos as observações levantadas por Campos (1997) em relevante estudo sobre o assunto, sobretudo, na oposição aspectual e temporal em torno do PPS e do PPC:

A oposição aspectual e temporal entre o pretérito perfeito simples (PPS) e o pretérito perfeito composto (PPC) é das que maior dificuldade apresentam ao estrangeiro que começa a aprender o português, sobretudo se, na sua língua materna, ou numa segunda língua que tenha adquirido anteriormente, existe entre dois pretéritos uma oposição com caráter meramente formal e predominantemente estilística. (*Idem*, p. 20).

Para observarmos os contrastes aspectuais e temporais propostos pela autora é necessário descrever a representação destes conceitos, ou seja, como o PPS e PPC operam em um enunciado e delimitam o seu espaço enunciativo. Em sua investigação foi observado que esses tempos gramaticais são marcados linguisticamente no enunciado, determinando sentidos relacionados ao enunciador, tempo (neste caso, entendido como um marcador da ação) e a situação enunciativa que marca a ação como limitada ou ilimitada, ou ainda, acabada e inacabada.

Sendo assim, como parte desta análise, consideraremos além o seu sistema de coordenadas enunciativas: S0, sujeito enunciador de origem; T0, indicador temporal de origem e Sit (S0, T0)<sup>8</sup> situação enunciativa ou *repère* (ou referência) enunciativo de origem. Dessa forma, quando temos S1, T1, Sit (S1, T1), trata-se da situação de enunciação<sup>9</sup> relatada ou situação de locução, considerando respectivamente: o enunciador (locutor), o tempo da enunciação relatada e, por fim, a situação da enunciação em relatada em relação Sit (S0, T0). Quando em uma enunciação direta S0 assuma inteiramente a validação ou não validação da relação predicativa então teremos S1=S0, T1=T0, logo, Sit1 = Sit0. De forma, podemos representar a atuação destas coordenadas:

(3) Disseram que João estava escrevendo um livro.

(4) (eu digo) O João está escrevendo um livro.

Em (3) tem-se uma enunciação relatada, onde se tem a seguinte relação entre as coordenadas enunciativas: Sit (S1, T1)  $\neq$  Sit (S0, T0) em que S1  $\neq$  S0 e T1  $\neq$  T0. Já em (4) temos uma enunciação direta e identificamos as coordenadas que definem a situação de locução Sit (S1, T1) e as que definem a situação de enunciação de origem Sit (S0, T0), dessa forma podemos considerar que Sit (S1, T1) = Sit (S0 T0), portanto, T1=T0.

---

<sup>8</sup> Também considerado pela autora sistema de *repérage* (marcadores): localização em sentido abstrato que representa a origem da localização espacial.

<sup>9</sup> Foi considerado o conceito utilizado por CAMPOS (1997, p. 23) para situação de enunciação se referindo a uma situação abstrata.

Seguindo estas coordenadas temos ainda S2, T2 e Sit (S2, T2) referindo-se à relação predicativa, ou ainda, do “acontecimento construído pela enunciação” (CAMPOS, 1997, p. 23) e S3, T3 e por fim, Sit (S3, T3) como o ponto de referência intermediária entre Sit2 e Sit1, o qual se constrói o ponto de referência sobre o acontecimento. Em alguns casos estas coordenadas são consideradas como Sit1 ou Sit2. Estas coordenadas enunciativas representam a construção de valores referenciais aspectuais-temporais dentro de um espaço unidimensional, podendo ser representado por uma reta.

No âmbito deste trabalho trataremos apenas das relações aspectuais e temporais construídas no PPS e PPC. Desse modo, vale dar ênfase à coordenada T referente ao identificador temporal.

Tendo em mente os estudos realizados por Campos (1997), analisaremos alguns enunciados que nos servirão para ressaltar a oposição entre PPS e o PPC:

- (5) João estava gripado.
- (6) João tem estado gripado.
- (7) Depois do casamento, Ana morou na Europa.
- (8) Depois do casamento, Ana tem morado na Europa.
- (9) Maria ouviu as notícias do rádio.
- (10) Maria tem ouvido as notícias do rádio.

Os exemplos (5) e (7) nos remetem para processos localizados e concluídos em um tempo T2 (tendo como referência o acontecimento construído pela enunciação) anterior a T0. Neste caso, as relações predicativas <João estar gripado> e <Ana morar na Europa> são localizadas em T2, identificando T1 a T0. Podemos notar que a relação predicativa é formada pelos verbos “estar” e “morar”, cujo primeiro designa a um processo sem limite definido e o segundo a um processo e finalidade definidos. Desse modo, podemos dizer o limiar semântico dos verbos que compõem estas relações predicativas não delimitam a fronteira final, mas o PPS. Em suma, durante um certo tempo João esteve gripado, contudo no momento em que falo, ele já não está. Podemos dizer que o valor semântico do PPS é

marcador de uma operação que inclui a fronteira inicial e final do processo.

Em (6) e (8), podemos dizer que o locutor/falante remete para processos iniciados em um tempo anterior a T0 e que se prolonga, sem a determinação de uma fronteira final do processo pelo enunciador assumindo um valor de continuidade. O PPC é marcador de uma operação de construção de um processo que, parte de um ponto anterior a T0 e ainda encontra-se em curso, isto é, o momento final não está definido.

No exemplo (10) o valor semântico do verbo “ouvir” designa a sua finalidade, mas o seu valor aspectual é iterativo, ou seja, se sequeuncia no tempo, mas não possui um tempo interno definido e este sim marcará a sua ideia de continuidade atribuída ao PPC.

Aliás, podemos dizer que existe uma incompatibilidade do PPC com marcadores de operações que determinem uma fronteira final:

(11) João tem estado gripado ontem.

(12) João tem estado gripado esta manhã.

No entanto, podemos admitir que o PPC ocorra com marcadores de operação que não demarque esta fronteira:

(13) Maria dormiu tarde toda a semana.

(14) Maria tem dormido tarde toda a semana.

Em (13) a expressão adverbial “toda a semana” confere ao PPS valor durativo (dentro da relação de oposição PPS/PPC). De fato, a expressão associada às propriedades aspectuais do próprio PPS vai construir a ideia de continuidade, com valor de iteração. Podemos dizer que este enunciado remete para uma repetição de processos pontuais, sendo anterior a T0 o último desses processos que corresponde à fronteira de fechamento do processo, ou seja, como se existissem intervalos fechados dentro de um processo global. Em (14) não há construção do último dos processos pontuais. É como se existisse dentro do processo global um intervalo semiaberto, em que T0 situa-se no interior da “semana” como fronteira inicial e ressalta a ideia de continuidade:

Tal como o PPC, também o PPS pode, em coocorrência com marcadores suplementares, remeter para processos com valor durativo ou iterativo. Mas enquanto que no caso do PPS a fronteira de fechamento do processo é necessariamente definida e localizada (em relação a T0 ou dentro de outro sistema de “repérage” em ruptura com o plano enunciativo e, portanto, com T0), no caso do PPC não há construção de uma fronteira de fechamento e o processo está em curso em T0. (CAMPOS, 1997, p. 34).

Dessa forma se compararmos os seguintes enunciados:

(15) João namora Ana.

(16) João tem namorado a Ana.

(17) João namorou Ana.

ao procurarmos localizar T0 nestes enunciados notaremos que no presente e no PPC, (15) e (16) respectivamente, temos a representação de intervalos abertos. O mesmo não acontece em (17) em que a representação de um intervalo fechado remete não remete a ideia de sucessão contínua. Sendo assim, podemos dizer que embora PPC apresente a ação verbal no passado a sua ideia de continuidade se aproxima do tempo presente. Podemos dizer que o PPS marca a construção de uma fronteira final, enquanto o PPC marca a sua não construção. Neste trabalho, consideramos estes intervalos fechados e abertos uma referência ao passado acabado (PPS) e ao passado inacabado (PPC). O valor primitivo do PPC (nos verbos transitivos, e posteriormente aos intransitivos) tem grande influência na ideia de posse transportada até o presente. Na história dos tempos compostos, o particípio passado funcionava como um predicativo do complemento direto.

### **3. Considerações finais**

Em suma, vale ressaltar que o aspecto é uma categoria em estudo sob reflexão, embora existam trabalhos tão significativos já realizados. Contudo, é possível notar poucas referências à categoria de aspecto nas gramáticas atuais, o que nos motiva a investigação. Esta breve síntese, nos instiga a prosseguir o nosso estudo sobre o contraste aspectual entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto, buscando observar as noções de passado acabado e inacabado,

que, a priori, sabermos que está delimitada a partir da perda semântica de seus auxiliares, os tempos compostos se aproximaram das características atuais.

## BIBLIOGRAFIA

BARROSO, H. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora, 1994.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CAMPOS, M. H. C. *Tempo, aspecto e modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. (org). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004.

COROA, M. L. M. S. *O Tempo nos verbos em português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ILARI, R. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATOSO CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *Verbos auxiliares em português*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.